

EDUCAÇÃO SENTIPENSANTE E O CENTENÁRIO DE ORLANDO FALS BORDA: Entrevista com Lola Cendales González

*EDUCACIÓN SENTIPENSANTE Y EL CENTENARIO DE ORLANDO FALS BORDA: Entrevista con
Lola Cendales González*

*SENSING/THINKING EDUCATION AND THE CENTENARY OF ORLANDO FALS BORDA:
Interview with Lola Cendales González*

João Colares da Mota Neto¹
Rúbia Hoffmann Ribeiro²
Danilo Romeu Streck³

Submetido para publicação: 18/07/2025

Aceito para publicação: 26/11/2025

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Por ocasião do I Congresso Internacional de Educação Básica: Artesanias no Educar e do III Encontro de Licenciatura, realizados entre 10 e 13 de março de 2025, a pesquisadora, pedagoga e educadora popular Lola Cendales González, da Universidad Pedagógica Nacional de Bogotá, na Colômbia, esteve na Universidade de Caxias do Sul.

Lola trabalhou como educadora junto a crianças e adolescentes em situação de rua, experiência que a marcou profundamente e foi decisiva para sua constituição enquanto educadora popular. Atuou também na formação de professores e é uma das fundadoras da Dimensión Educativa, organização comprometida com processos de alfabetização voltados à emancipação social. Participou da Cruzada Nacional de Alfabetização na Nicarágua e desenvolveu trabalhos formativos em diversos países, como Peru, Argentina, Venezuela, Chile e México (Ortega Valencia; Torres Carrillo, 2011). Como pesquisadora, sistematizou

¹ Universidade do Estado do Pará – UEPA – Belém – Pará – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-3346-1885> – joacolares@hotmail.com

² Universidade de Caxias do Sul – UCS – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-7670-5432> – rribeiro1@ucs.br

³ Universidade de Caxias do Sul – UCS – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0001-7410-3174> – drstreck@ucs.br

■ <https://doi.org/10.17058/rea.33.20551>

Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 33, p. 20551. 2025.

ISSN: 1982-9949

Este conteúdo é licenciado sob forma

de uma Licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

diferentes experiências de educação popular que contribuíram para a construção de um arcabouço teórico-metodológico sólido, fortalecendo a prática e o pensamento crítico na área.

Na noite do dia 13 de março, e por ocasião do centenário de nascimento de Orlando Fals Borda — sociólogo colombiano que, assim como Lola, é uma grande referência da educação popular —, fomos agraciados com sua palestra sobre a Educação Sentipensante. Fals Borda, pioneiro na investigação-ação-participativa (IAP), foi responsável por formular a ideia de educação sentipensante que, como nos explicou Lola naquela noite, trata-se de uma unidade estrutural entre a razão e a emoção. Essa perspectiva rompe com um fazer científico tradicional que opõe e hierarquiza razão e emoção, e supõe uma neutralidade e superioridade do pesquisador. Nesse sentido, conforme Lola mencionou na ocasião, o conhecimento é impulsionado pelo sentir, e a sua construção é entendida como processo coletivo, dialógico e comprometido ético e politicamente com a emancipação social.

No dia seguinte, pudemos aproveitar ainda mais de sua presença inspiradora, durante o Seminário Especial por ela ministrado, intitulado: “Educação popular e sistematização de experiências: diálogos sobre formação docente, prática educativa e pesquisa em educação.” Lola compartilhou sua trajetória e seu saber sobre o tema, ressaltando a educação como fato político, que deve estar a serviço de um projeto de sociedade capaz de potencializar lutas e sonhos, saberes e práticas, e a construção da justiça epistemológica.. Entre os ganhos desse encontro com Lola, certamente destaca-se o sentimento compartilhado por aqueles e aquelas ali presentes, que sentiram suas utopias reanimadas.

Como forma de homenagem ao centenário de nascimento de Orlando Fals Borda, a Cátedra UNESCO Educação em Cidadania Global e Justiça Socioambiental realizou a entrevista que segue, na qual Lola novamente nos brinda com sua experiência enquanto pesquisadora e educadora. Nela, reflete sobre a influência de educadoras e educadores brasileiros em sua trajetória, sua relação com Orlando Fals Borda, os desafios da educação popular na contemporaneidade e sua profunda articulação com a memória e a história.

Em negrito, estão as perguntas dos entrevistadores, seguidas das respostas de Lola Cendales.

Lola, que ocasiões lhe trouxeram neste março de 2025 ao Rio Grande do Sul?

Foi uma surpresa para mim receber o convite da Universidade de Caxias do Sul (UCS) para participar do I Congresso Internacional de Educação Básica: Artesanias no Educar e do III Encontro de Licenciatura. A primeira pessoa que contatei foi a professora Flávia Brocchetto Ramos (UCS); ela me apresentou a temática do evento e eu sugeri que meu tema poderia ser: Educação Popular, entre arte e artesanaria.

O Professor Danilo Streck (UCS), que conheço há muitos anos, sugeriu que eu trabalhasse com o tema da “Educação Sentipensante”; um tema que necessariamente remetia a Orlando Fals Borda, pouco conhecido neste meio e cujo centenário de nascimento estamos comemoramos na Colômbia.

Conhecer a universidade, seus espaços generosos e a simpatia e a hospitalidade das pessoas com quem convivi foi uma experiência agradável para mim. Eu já tinha estado na cidade de São Leopoldo, alguns anos antes, mas não havia permanecido por mais tempo no Rio Grande do Sul. Tive a sorte de ter dois amigos, Alfonso Torres Carrillo, da Colômbia, e Fernanda dos Santos Paulo, do Rio Grande do Sul, que me levaram para conhecer boa parte da cidade de Porto Alegre. Pude testemunhar a magnitude do desastre natural causado pela enchente do rio, sobre o qual fiquei sabendo pela televisão⁴. Guardo as melhores lembranças dessas cidades e das pessoas com quem compartilhei vivências.

Que referências (culturais, intelectuais e políticas) brasileiras você considera que são importantes na sua constituição como educadora e pesquisadora?

Como educadora, minha primeira referência foi Paulo Freire. Na universidade, por sugestão de um companheiro, li *Pedagogia do Oprimido*. Essa leitura, numa época em que Freire não era considerado nas faculdades de educação e o foco era a tecnologia educativa, possibilitou-me uma forma diferente de ver a educação e a realidade. Algo que seria irreversível para mim.

⁴ Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou a maior tragédia climática de sua história. Chuvas intensas provocaram enchentes e deslizamentos de terra, afetando 95% dos municípios do estado e resultando em desaparecimentos, centenas de mortes e milhares de desabrigados.

Mais tarde, quando, como equipe, decidimos que nosso compromisso como educadores era alfabetizar as pessoas que chegavam à cidade (Bogotá), vítimas da violência política e/ou econômica que a Colômbia sofreu, passamos para o que Umberto Eco chama de uma “leitura do uso”; relendo cada aspecto para colocá-lo em prática: pesquisa temática, palavras geradoras, diálogo etc. Neste tempo, como agora, continuo encontrando em Freire uma resposta sugestiva para minhas perguntas.

No âmbito do CEAAL (Conselho de Educação de Adultos da América Latina e do Caribe)⁵, foram muito enriquecedoras as contribuições conceituais e as experiências de educadoras e educadores brasileiros. Entre eles, João Francisco de Souza⁶, que visitou a Colômbia diversas vezes, especificamente Popayán; ocasiões em que foi possível compartilharmos publicações e preocupações relacionadas à alfabetização e à Educação Popular. Nesse espaço, conheci o trabalho realizado pela companheira Elza Maria Fonseca Falkembach⁷ e publicamos um texto, "Como Vejo Meu Bairro", fruto de uma interessante pesquisa participativa. Alguém que conheci primeiro por meio de seus livros e depois pessoalmente foi Carlos Rodrigues Brandão⁸. Como antropólogo, ele contribuiu para os debates que tínhamos na época sobre o tema da cultura e dos saberes populares, sobre o diálogo etc. Como artista, ele tinha uma maneira de ver a realidade, de senti-la e de expressá-la. Além disso, com seu carisma, seu conhecimento e sua sensibilidade, sei que ele enriqueceu não apenas os debates, mas também a vida de educadoras e educadores populares.

Qual tem sido a relação entre Orlando Fals Borda e a Educação Popular na América Latina? Que chaves interpretativas da obra de Fals Borda você destacaria para a leitura da realidade atual?

⁵ Atualmente designado como Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe, o CEAAL se autodefine como um movimento de educadoras e educadores populares, que atua e acompanha processos de transformação educativa, social, política, cultural e econômica das sociedades latino-americanas e caribenhas, em diálogo com o mundo, a favor da soberania e integração dos povos, da justiça social, da democracia, dos direitos humanos, da equidade de gênero e da interculturalidade crítica.

⁶ Importante educador popular, João Francisco de Souza foi professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, tendo atuado em diversos países da América Latina e da Europa.

⁷ Educadora popular com diversos escritos sobre “sistematização de experiências”, Elza Maria Fonseca Falkembach é professora titular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Deixamos a apresentação do antropólogo e educador popular Carlos Rodrigues Brandão a cargo da própria entrevistada.

Orlando Fals Borda foi um sociólogo colombiano comprometido com processos de transformação social. Estamos comemorando o centenário de seu nascimento na Colômbia. Em sua relação com a Educação Popular, recordo um evento em que ele se referiu à transição do paradigma da conscientização para o paradigma da participação. Segundo ele, o conceito de “conscientização” havia sido cooptado pelo sistema dominante, razão pela qual sua força revolucionária havia se perdido, reduzido à formação de uma consciência esclarecida em vez de consciência comprometida, deixando de lado a prática que é onde se encontram os conhecimentos necessários para a transformação da realidade. Ele postulou a necessidade de retomar o conceito de “práxis” e o de pesquisa sociológica participativa⁹.

Em relação à participação, ele afirmava que, na prática da pesquisa, havia uma grande distância entre o pesquisador e o pesquisado; o primeiro era o doutor, o que sabia de tudo, o sujeito da pesquisa; o segundo, o pesquisado. Tratava-se, portanto, de romper com o binômio sujeito-objeto próprio do positivismo, caminhando para uma relação sujeito-sujeito, que mudaria a concepção, a atitude e as metodologias tanto de pesquisadores quanto de educadores.

No nível institucional, como presidente do CEAAL¹⁰, ele contribuiu para qualificar o marco conceitual e prático da Educação Popular; primeiro, por meio de pesquisas participativas envolvendo todas as ONG's e todos os membros do Conselho; e segundo, por meio da promoção da revista "La Piragua: Revista Latinoamericana y Caribeña de Educación y Política". Lembro-me de que, quando assumiu a presidência, ele se referiu aos "Movimentos Sociais" como um tema significativo sobre o qual estava trabalhando na Colômbia. Este também foi o título de seu artigo no primeiro número de La Piragua, em 1989.

⁹ De acordo com Orlando Fals Borda (1998, p. 12): "La piedra filosofal de aquella trascendencia de un paradigma a otro radicó en la idea de que el conocimiento para la transformación social no se radicaba en la formación liberadora de la conciencia, sino en la práctica de esa conciencia. Es en la práctica de donde se deriva el conocimiento necesario para transformar la sociedad. Aún más: que así mismo en ese paso y de ese sentir de la praxis, también se deriva un saber y un conocimiento científico".

¹⁰ Fals Borda foi presidente do CEAAL no período de 1987 a 1990. Desde 1990 é considerado seu presidente honorário, ao lado de Paulo Freire, Fernando Cardenal, Carlos Nuñez Hurtado, Raúl Leis, Nydia González, Pedro Pontual, Nélida Céspedes e Oscar Jara.

Orlando Fals Borda, como sociólogo comprometido com os interesses dos excluídos, foi um educador popular que deixou importantes reflexões para aprofundamento e para incentivar novas buscas, a busca por novos paradigmas. Apenas para exemplificar, menciono:

- A I.A.P. (Investigação-Ação Participativa) em seus dois momentos-chave: a recuperação histórica e a devolução sistemática.
- A subversão como responsabilidade ética, como direito natural de mudar a situação desumanizadora e excludente que vivemos.
- O colonialismo intelectual, que denuncia a dependência dos centros de poder onde o conhecimento é produzido, e a concepção de uma ciência própria; uma ciência do povo; uma ciência que reconhece o saber transformador do povo por meio de suas lutas.
- Outros, como o de “cultura anfíbia” e de cultura “sentipensante”.

Qual pode ser a contribuição da Educação Popular ao momento atual?

É inegável a complexidade da situação que vivenciamos nos níveis global, nacional e local. Os desastres éticos e ambientais são avassaladores e suas consequências são difíceis de prever.

Em face disso, a Educação Popular tem uma história, uma bagagem conceitual, pedagógica e experiencial que deve ser explorada de forma crítica e esperançosa. Além disso, continua sendo um elemento de identidade, uma reserva ética a partir da qual é possível denunciar a injustiça, a iniquidade e a desumanização, e anunciar que outra educação e outra realidade são possíveis. Um espaço a partir do qual é possível manter uma consciência crítica do exercício do poder.

É evidente o giro à direita entre amplos setores da sociedade, incluindo os jovens, o que nos leva a refletir, primeiro, sobre que tipo de educação eles estão recebendo, como estão sendo educados e para que tipo de sociedade; e, segundo, sobre a necessidade de se formar um pensamento crítico, tanto dentro quanto fora da escola.

Agora, como fazer isso? Esse é um dos desafios pedagógicos da Educação Popular, que tem tido como um de seus objetivos a leitura crítica da realidade. O fato é que hoje as coisas mudaram, e as categorias de análise que usávamos não são mais úteis, ou são insuficientes, nem os métodos para realizar essas leituras.

A situação atual gera incerteza, desconfiança e um enfraquecimento da participação e da argumentação. Isso exige a criação de espaços de reflexão crítica que possam motivar e incentivar a formação de grupos de interesse, coletivos e organizações voltados para a construção de sentidos de vida alternativos aos dominantes. Espaços onde seja possível o diálogo entre diferentes; espaços onde podemos nos encontrar na memória, nas lutas e nas identidades compartilhadas. Espaços nos quais possamos reconhecer expressões e processos de resistência que ocorrem em diferentes espaços, com diferentes sujeitos e em áreas de atuação que constituam alternativas emancipatórias e motivos de esperança.

Ora, as ações e os processos de mudança que queremos promover são realizados por nós por meio da educação e na condição de educadores e educadoras, e isso nos exige aprofundar a relação entre pedagogia e política (entendida a pedagogia como saber teórico, diálogo de saberes, diálogo cultural, negociação cultural, proposta pedagógica da Educação Popular, que de Freire até hoje vem sendo enriquecida com valiosas contribuições). Essas duas dimensões (pedagógica e política) são necessárias porque a pedagogia é simplesmente uma condição de eficácia política.

Como a Educação Popular pode contribuir para a reescrita da memória e no fortalecimento de identidades de grupos marginalizados?

A memória e a história têm sido aspectos importantes na Educação Popular. Para Freire, por exemplo, processos de mudança exigem uma releitura da história, entendida como um conjunto de possibilidades e não, em suas palavras, como "determinações e determinismos".

Para Paul Ricoeur, recuperar a memória e a história está ligado ao dever de fazer justiça. No nosso caso (Colômbia), recordar e narrar os eventos de violência política e deslocamento forçado nos permite reconhecer que há vítimas que a história não pode esconder ou esquecer. Diz-se que se retorna à história quando o presente dói para encontrar nela vestígios e explicações que nos permitam compreender o que aconteceu e o que continua acontecendo.

Orlando Fals Borda pergunta desde onde e por que reconstruir a História; e sua resposta é para a formação de lideranças comprometidas, para fortalecer as organizações populares e para dar sentido e horizonte às suas lutas.

Em *Dimensión Educativa*, trabalhamos com o tema da memória desde que iniciamos nossos programas de alfabetização e continuamos a fazê-lo. Há alguns anos, com Mario Peresson e Alfonso Torres, escrevemos um texto intitulado "Los otros también cuentan"¹¹ e adotamos a Reconstrução Coletiva da História como uma modalidade de pesquisa qualitativa.

Para a Educação Popular, trabalhar com a memória faz parte de seu compromisso ético e político, pois reconstruir a memória pessoal e coletiva no marco da história nacional pode ajudar a construir um novo projeto de vida, um novo projeto de país. Memória e história conectam o presente, o passado e o futuro, no sentido do “inédito viável” (o futuro possível), ao qual Freire se referiu.

Obrigada!

Os entrevistadores e a Cátedra UNESCO em Educação para a Cidadania Global e Justiça Socioambiental agradecem a Lola Cendales por esta entrevista, por suas contribuições aos debates em março de 2025 na UCS e por todos os seus aportes à educação sentipensante, à investigação participativa e à sistematização de experiências na América Latina e no Caribe.

Figura 1 - ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO ESPECIAL MINISTRADO POR LOLA CENDALES NA UCS

¹¹ TORRES, Alfonso; CENDALES, Lola; PERESSON, Mario. **Los otros también cuentan**: elementos para la recuperación colectiva de la historia. Bogotá: Dimensión Educativa, 1992.



Fonte: Cátedra UNESCO em Educação para a Cidadania Global e Justiça Socioambiental (2025)

REFERÊNCIAS:

FALS BORDA, Orlando. La investigación, obra de los trabajadores. FALS BORDA, Orlando et al. **Investigación Acción Participativa**: Aportes y desafíos. Bogotá: Dimensión Educativa, 1998.

ORTEGA VALENCIA, Piedad; TORRES CARRILLO, Alfonso. Lola Cendales González, entre trayectos y proyectos en la educación popular. **Rev. colomb. educ.** Bogotá, n. 61, p. 333-357, June 2011. Disponível em

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-39162011000200015&lng=en&nrm=iso>

TORRES, Alfonso; CENDALES; Lola; PERESSON, Mario. **Los otros también cuentan**: elementos para la recuperación colectiva de la historia. Bogotá: Dimensión Educativa, 1992.